

O Pensamento pedagógico de Simón Rodríguez: por uma educação pública e popular

Kildo Adevair dos Santos¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir algumas reflexões do pensamento pedagógico de Simón Rodríguez e propor o redescobrimto de seu pensamento e ação frente aos desafios do caráter público da educação contemporânea na América Latina, por meio de uma abordagem reflexiva sobre seu projeto de educação pública e popular, por meio de um estudo de seus próprios escritos. Como reflexão final constata-se que o pensamento pedagógico de Simón Rodríguez está ancorado na defesa da educação pública para todas as pessoas, pois trouxe para o centro da legislação educacional todos os marginalizados da sociedade e que reencontrar com as ideias de Simón Rodríguez pode indicar novos caminhos em prol da educação pública latino-americana.

Palavras-chave: Simón Rodríguez. Educação pública e popular. Pensamento pedagógico latino-americano

The pedagogical thinking of Simón Rodríguez: for a public and popular education

ABSTRACT

The purpose of this article is to present and discuss some reflections on Simón Rodríguez's pedagogical thinking. Additionally, the article proposes the rediscovery of his thoughts and actions in the face of challenges of public opinion on contemporary education in Latin America, through a reflexive approach to his public education project and popularity, and through a study of his own writings. As a final reflection, it can be seen that Simón Rodríguez's pedagogical thinking is anchored

¹ Doutorando em Políticas Públicas e Profissão Docente no Doutorado Latino-americano do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG. Integrante do GESTRADO (Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente). E-mail: kildoadevair@yahoo.com

in the defense of public education for all people, because he brought marginalized people in society to the center of educational legislation. Revisiting Simón Rodríguez's ideas can indicate new directions in Latin American public education.

Keywords: Simón Rodríguez. Public and popular education. Latin American pedagogical thinking

El pensamiento pedagógico de Simón Rodríguez: por una educación pública y popular

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar y discutir algunas reflexiones del pensamiento pedagógico de Simón Rodríguez y proponer el redescubrimiento de su pensamiento y acción frente a los desafíos del carácter público de la educación contemporánea en América Latina a través de un abordaje reflexivo sobre su proyecto de educación pública y popular, a través de un estudio de sus propios escritos. Como reflexión final se constata que el pensamiento pedagógico de Simón Rodríguez está anclado en la defensa de la educación pública para todas las personas, pues trajo al centro de la legislación educativa todos los marginados de la sociedad y que reencontrar con las ideas de Simón Rodríguez puede indicar nuevos caminos en favor de la educación pública latinoamericana.

Palabras clave: Simón Rodríguez. Educación pública y popular. Pensamiento pedagógico latinoamericano

Introdução

A possibilidade de um pensamento pedagógico latino-americano está sendo pensado no campo das ciências sociais e humanas, especificamente no contexto histórico e contemporâneo do que se pode definir como "pensamento crítico latino-americano"².

A expectativa é que nesse movimento temporal, seguramente essa discussão poderá contribuir para a valorização de aspectos essen-

2 É aquele que tem reivindicado nossa trajetória histórica frente aos esquemas eurocêntricos, assim como tem procurado sistematicamente fortalecer nossa identidade, questionando o pensamento conservador criado pelas potências centrais do capitalismo (SADER, 2008, p.

ciais da herança que nos legaram as ciências sociais desta Região e também para encararmos os desafios específicos que enfrentam estas ciências na América Latina e no Caribe. A reflexão sobre esse legado histórico pode ser fundamental para criar novos paradigmas que nos permitam vislumbrar e construir um presente e um futuro alternativos. Somos tributários em mais de um sentido da herança essencial da cultura sociológica ocidental (Marx, Durkheim e Weber), sem que isto negue nossa especificidade. Evidentemente que essas ideias exógenas, oriundas do pensamento moderno na Europa, colaboraram para a construção de análises críticas no mundo europeu, questionando a lógica da produção do conhecimento tanto no seu projeto de civilização quanto em suas propostas epistêmicas, possibilitando a construção de epistemologias alternativas à modernidade eurocêntrica (GROSFUGUEL, 2007). Contudo, a especificidade de nossas ciências sociais e humanas tem seus próprios fundamentos, desafios e perspectivas. É essa singularidade que revela a necessidade de aprofundarmos o estudo dos pensamentos pedagógicos produzidos a partir de nossa Região.

A constituição da América Latina como uma região com sua realidade específica e a consequência de uma realidade histórica marcada pela conquista gerou e tem gerado realidades alienadas e opressoras. Dessa forma, os pensadores latino-americanos têm-se apresentado como críticos de um processo de colonização que nos tem negado uma história própria. É uma crítica moderna à modernidade e, por isso, eles têm sustentado a existência de uma nação latino-americana. Trata-se de buscar e ressaltar o que é próprio nosso, superando o sentimento de inferioridade e a tendência à imitação, e afirmando que a originalidade está na capacidade de adaptação e apropriação.

Neste sentido, o mexicano Zea (2005) afirmou que o pensamento latino-americano é resultado do ajuste dos produtos ideológicos do pensamento mundial as nossas “circunstâncias” e que a autenticidade desse pensamento não é uma possibilidade a conquistar, mas uma realidade presente. O pensamento crítico latino-americano não é uma tarefa do futuro, é uma realidade, é uma linha de tradição na história deste pensamento que se tem perdurado e continuado graças aos emancipadores mentais desta região, que vai de Simón Rodríguez a Paulo Freire, passando por José Martí, José Carlos Mariátegui, Gabriela Mistral, entre muitos outros que se dedicaram a pensar, interpretar e transformar as realidades latino-americanas.

O exercício de refletir sobre o pensamento pedagógico latino-americano é uma tentativa de recuperação dos momentos mais importantes que marcaram o processo não acabado de construção desse pensamento. Contudo, como observa Streck (2010, p. 20), o exercício de pensar sobre uma pedagogia própria da região latino-americana não é provar sua existência, em contraponto excludente às outras pedagogias de origem europeia, estadunidense, asiáticas ou outras, mas a partir das ideias de pensadores latino-americanos que podem apontar caminhos para uma pedagogia latino-americana.

Para o desenvolvimento deste exercício de reflexão foi feito um recorte histórico no contexto da abordagem do pensamento pedagógico que foi desenvolvido no final do século XVIII e durante o XIX. Contudo, não se trata de retomar qualquer tipo de pensamento ou elaboração teórica no campo educacional da América Latina, mas aquele que aponta um sentido crítico numa perspectiva latino-americana.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir algumas reflexões do pensamento pedagógico do venezuelano Simón Rodríguez e propor o redescobrimento do pensamento e ação deste autor frente aos desafios do caráter público da educação na América Latina, por meio de uma abordagem reflexiva sobre seu projeto de educação pública e popular.

O projeto de Rodríguez foi um significativo legado histórico desenvolvido durante trinta anos aproximadamente, de compromisso com a causa social pela emancipação dos povos latino-americanos e, particularmente, com a causa das populações originárias indígenas, da população negra e mestiça, enfim, com os pobres de nossa América.

Vida e obra de Simón Rodríguez (1771-1854)

No contexto das lutas revolucionárias pela independência dos povos latino-americanos, sobretudo no que tange às discussões sobre os processos educativos e de formação dos futuros libertadores que participaram nas batalhas independentistas e na organização político-administrativa dos novos Estado-nacionais da América Latina, o pensamento e as ações de Simón Rodríguez estão sem dúvidas, entre os mais importantes.

Simón Rodríguez nasceu em 28 de outubro de 1771, em Caracas, na Venezuela, e alimentou o sonho de uma América Latina livre. Profes-

sor, pedagogo e considerado pioneiro da educação latino-americana, foi um grande conhecedor dessa sociedade. Iniciou sua carreira docente no ano de 1791, sendo nomeado professor de uma escola pública de primeiras letras, pelo administrador geral de Caracas. Com um pensamento radical e avançado para a sociedade venezuelana da época, após desenvolver dois anos de exercício da docência, no ano de 1793, Rodríguez apresentou à sua chefia imediata de Caracas o projeto de criação de uma escola para meninas, pois já era latente em seu pensamento pedagógico a importância da educação da mulher.

Durante o período em que esteve como docente naquela escola pública de primeiras letras, Rodríguez conseguiu diagnosticar problemas na educação de Caracas, o que considerava a necessidade de uma reforma integral. Em seu diagnóstico apontou que os meninos e meninas não estudavam o que deveria saber, poderiam ser considerados ignorantes e não aprendiam para melhorarem suas vidas. Diante destes fatos, ele apresentou no ano de 1794 um Plano de Reforma da Educação Primária, que é o primeiro texto de Simón Rodríguez, sob o título: *Reflexões sobre os defeitos que corrompem a Escola de Primeiras Letras de Caracas e meios de alcançar sua reforma por uma nova instituição*. O plano de reforma foi aceito em primeira instância pelo administrador de Caracas, entretanto, foi reprovado pela Real Audiência – principal órgão da justiça no período colonial -, provocando a renúncia de Simón Rodríguez de seu ofício docente naquela escola pública.

Simón Rodríguez também é historicamente reconhecido por ter sido o professor e inspirador de Simón Bolívar, o Libertador, os quais juntos abraçaram o sonho da Pátria Grande. Foi fundamental a influência do pensamento de Rodríguez na formação de Bolívar “em termos de aquisição de saberes, aprendizado de normas, desenvolvimento do espírito criador e formação de um caráter que teve por base o carinho e a confiança” (STRECK; ADAMS; MORETTI, 2010, p. 56).

Contudo, compreendemos que o pensamento e a singularidade de Simón Rodríguez estão para além da relação que teve com o Libertador Simón Bolívar, diferentemente de uma tradição que se utiliza do epíteto “Mestre do Libertador” como a principal referência para falar da vida e obra de Rodríguez. Sem deixar de reconhecer a significativa relação entre ambos, apoiados em Durán e Kohan (2016, p. 7), consideramos que Simón Rodríguez foi um homem que teve “uma vida com luz própria”.

No ano de 1824, Simón Rodríguez fundou uma escola de “artes e ofício” com o objetivo de oferecer um processo de ensino “prático” para as crianças mais pobres da sociedade. Entretanto, essa experiência não teve sucesso, devido à forte tendência da educação tradicional e humanista que vigorava na região.

Simón Rodríguez chegou em Chuquisaca, na Bolívia, em 1826, onde desenvolveu um projeto para uma “Casa Oficina de artes e ofícios”, especialmente de carpintaria, alvenaria e serralheria. A escola de Chuquisaca era concebida como o lugar para desenvolver cidadania em conformidade com o projeto de educação popular rodriguiano, que consistia em alfabetizar a população e ensinar a ela um ofício a partir do qual pudesse ganhar a vida (DURÁN; KOHAN, 2016). Esse projeto também fracassou devido à educação tradicional da comunidade local, o que levou Rodríguez criticar fortemente a influência da educação inglesa, na região, sobretudo o método lancasteriano³. Após estas experiências, Simón Rodríguez concentrou suas forças no seu projeto de produção e divulgação de suas ideias. No ano de 1828 publicou o livro *Sociedades americanas*, cujo conteúdo foi apresentar a originalidade da América Latina. Em 1830 publicou um livro em defesa de seu ex-aluno Simón Bolívar, sob o título: *El Libertador del Mediodía de América y sus compañeros de armas, defendidas por un amigo de la causa social*. Nesse mesmo ano também publicou o livro: *Observaciones sobre el terreno de Vincocaya*, cujo objetivo foi destacar a importância de conservação da natureza e estudos sobre economia e a sociedade. Em territórios chilenos, além de dirigir uma escola primária, Simón Rodríguez também publicou o livro *Luces y virtudes sociales*. Viajou para Quito e Quayaquil, no Equador, e se instalou em Latacunga, onde trabalhou como docente no colégio *San Vicente* e publicou seu livro *Consejos de amigo dados al Colegio de Latacunga* e no periódico *El Neogranadino* publicou seu *Extracto sucinto de mi obra sobre la educación republicana*. Contudo, mesmo considerando que Simón Rodríguez tenha sido um escritor inveterado, ele teve muitas dificuldades para publicar suas obras, e, além disso, a grande maioria de seus escritos foi queimada em um incêndio no Equador, con-

3 Método desenvolvido pelo inglês Joseph Lancaster (1778-1838), também conhecido como método de “ensino mútuo”, método de “Madras” ou “sistema monitorial”, e consiste oferecer educação simultaneamente a um grande número de crianças com apenas um professor, sendo auxiliado por crianças que estejam mais avançadas na aprendizagem, na situação de monitores. Apresenta um forte teor disciplinário com ênfase nos processos de memorização e repetição (WEINBERG, 1999).

servando apenas uma parte de sua abundante escrita (DURÁN; KOHAN, 2016, STRECK; ADAMS; MORETTI, 2010, OCAMPO, 2007).

Podemos considerar que sua vida e obra estão divididas em dois momentos: a primeira etapa como professor de escola de primeiras letras no período colonial e a segunda como político, pedagogo e escritor no período republicano e que ele apresentou as ideias mais republicanas da época da emancipação e promoveu educação pública, popular e social, lutando pelos direitos das mulheres, crianças indígenas e o povo pobre latino-americano, impulsionando sempre um pensamento crítico e original.

Simón Rodríguez: por uma educação pública e popular

Nosso ponto de partida é a primeira experiência de Simón Rodríguez na sua função de docente na escola de Primeiras Letras na cidade de Caracas a partir do ano de 1791. Foi no contexto desta experiência docente que elaborou seu primeiro texto, no ano de 1794 - *Reflexões sobre os defeitos que corrompem a Escola de Primeiras Letras de Caracas e meios de alcançar sua reforma por uma nova instituição*⁴-, no qual evidencia a realidade das escolas públicas coloniais e sua primeira proposta para reformá-la. Seu pensamento e sua ação pedagógica iniciam-se com a elaboração de uma crítica ao movimento das *Reales Escuelas de Madrid* – escolas públicas para meninos pobres – criadas por Carlos IV em 1791, cujo objetivo era a implantação de escolas técnicas na educação primária na península espanhola e nas colônias. Para Rodríguez (2016, p. 35), a escola “[...] não possui a consideração que merece”. Mesmo considerando que “[...] todos geralmente a necessitam, porque sem tomar nela as primeiras luzes um homem é cego para os demais conhecimentos [...]”, a escola está “[...] em grande esquecimento e se vê sepultada em comparação a outras coisas que sucessivamente se adiantam e melhoram [...]”. O autor supracitado ainda aponta que a escola é uma instituição em que “poucos conhecem sua utilidade”, julgando que “a Escola de Primeiras Letras, à qual pertence o ensino perfeito dessas coisas, é de pouca utilidade [...]” e “há quem seja da opinião de que para os artesãos, os lavradores e as pessoas comuns é suficiente saber assinar [...]” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 37).

4 Uma análise mais detalhada deste texto encontra-se em DURÁN (2012).

Neste contexto de crítica à educação oferecida pelo Império espanhol, Rodríguez escreveu no texto do ano 1794 que:

As artes mecânicas estão nesta cidade e mesmo em toda a Província como vinculadas aos pardos e morenos. Eles não possuem quem os instrua; a escola das crianças brancas não podem frequentar: a pobreza os faz se aplicar desde a mais tenra idade ao trabalho e nele adquirem prática, porém não técnica: faltando a ele esta, procedem em tudo com habilidade; uns se fazem professor de outros, e todos não foram ainda nem discípulos; com exceção de alguns que por maior aplicação realizara a sua instrução à força de uma penosa tarefa (RODRÍGUEZ, 2016, p. 38).

De acordo com a maioria dos estudiosos de Simón Rodríguez essa passagem é a prova irrefutável do seu pensamento revolucionário. Para todos eles a inclusão de setores populares é uma novidade inadmissível para as autoridades, mesmo considerando que a educação era a base para a reativação da economia do império espanhol (DURÁN; KOHAN, 2016). Dessa forma, Rodríguez foi o primeiro a se levantar contra o processo de exclusão educacional e se declarou contrário à lógica racista que imperava naqueles contextos. “Que progresso farão esses homens, que emulação terão para se adiantar, se advertem o total esquecimento que se dá a sua instrução? Eu não acredito que sejam menos mercedores dela que as crianças brancas” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 38).

Ainda no texto *Reflexões sobre os defeitos que corrompem a Escola de Primeiras Letras de Caracas e meios de alcançar sua reforma por uma nova instituição*, Simón Rodríguez aponta a função do professor da primeira Escola. Nas palavras do autor:

Ensinar não somente a formação dos caracteres, mas também seu valor e sua propriedade; o modo de usá-los e colocá-los segundo as regras de perfeita ortografia; dar uma clara inteligência dos princípios de Aritmética; instruir nas regras gerais e particulares de trato civil (RODRÍGUEZ, 2016, p. 39).

Em outra passagem do mesmo texto supramencionado, Rodríguez (2016, p. 41) afirma que “cabe ao professor de Primeiras Letras a pior parte da vida de um homem; não por sua travessura, por sua complexidade, nem por sua distração, mas pela demasiada contemplação e tolerância que possui nessa idade [...]”.

De acordo com Rodríguez (2016, p. 45), para que o professor da primeira Escola possa desenvolver suas atividades com qualidade para todas as crianças, a escola não pode ter o “pior tempo e o mais breve”; que são “indispensáveis os princípios para ler com propriedade o conhecimento dos caracteres”; que um professor não pode ensinar “sem ter à mão exemplos próprios de cada coisa”; que existe a necessidade “de materiais adequados” para que facilite a execução das atividades; e que o professor possa ser “reconhecido e respeitado”. Dessa forma, considerando estas condições, Rodríguez (2010, p. 69) afirma: “[...] ensinem as crianças a serem questionadoras, para que elas, pedindo o porquê daquilo que se as manda fazer, se acostumem a obedecer à razão! Não à autoridade como os limitados; nem ao costume, como os estúpidos”.

O projeto de educação pública e popular de Simón Rodríguez

No texto *A defesa de Bolívar: o Libertador do Meio-Dia da América e seus companheiros de armas, defendidos por um amigo da causa social*, do ano de 1830, Rodríguez escreve *Sobre o projeto de Educação Popular*. De acordo com Durán e Kohan (2016, p. 56), “esse texto é a maior referência ao projeto da educação popular desenvolvido na Bolívia no interior da obra conservada de Rodríguez [...]”.

Ainda neste contexto, o pensamento pedagógico rodriguiano aparece claramente nesta outra passagem do texto supracitado: “A intenção não era (como se pensou) encher o país de artesãos rivais ou miseráveis, mas instruir e acostumar ao trabalho para gerar homens úteis – destinar-lhes terras e auxiliá-los em seu estabelecimento [...] era colonizar o país com seus próprios habitantes [...]” (RODRÍGUEZ, 2010, p. 63).

Essa ideia de Rodríguez de “colonizar o país com seus próprios habitantes” é o que temos de maior originalidade e de revolucionário dentro do pensamento educacional latino-americano. Ainda de acordo com o texto *Sobre o projeto de Educação Popular*, Rodríguez nos apresenta a ideia de educação que imperava naquele contexto:

Ele expandiu um decreto para que se recolhessem as crianças pobres de ambos os sexos, não em casas de misericórdia para fiar por conta do Estado – não em conventos para rogar a Deus por seus benfeitores – não em cárceres para purgar a miséria ou os vícios de seus pais – não em hospícios, para passar seus primei-

ros anos aprendendo a servir, para merecer a preferência de serem vendidos aos que procuram criados fiéis ou esposas inocentes (RODRÍGUEZ, 2010, p. 62).

Simón Rodríguez apresenta seu projeto de educação tecendo críticas ao sistema educacional durante o antigo regime, onde o controle da pobreza, a pacificação das cidades e a formação de mão obra barata eram preocupações constantes por parte das autoridades imperiais, que eram realizadas em hospitais e hospícios, principais instituições de formação e disciplinamento do povo. Entretanto, estas instituições eram espaços de superlotação e reclusão, com baixíssimas condições de salubridade para as pessoas, o que as tornavam instituições pobres para os pobres. Também havia espaços de formação para ricos e outros para os pobres. Diante dessa realidade, Rodríguez rompe com a lógica imperial espanhola e aponta que a escola pública não é “um espaço beneficente, deve ser adequada às necessidades das crianças e de seus familiares e a educação é a mesma para todos os setores da sociedade, sem importar sua condição, econômica, cultural e de gênero” (DURÁN; KOHAN, 2016, p. 57). Ainda nesta perspectiva, Rodríguez (2010, p. 62) afirma:

As crianças deveriam ser recolhidas em casa cômodas e asseadas, com peças destinadas a oficinas, e estas sortidas de instrumentos e dirigidas por bons professores. Os meninos deveriam aprender os três ofícios principais – pedreiro, carpinteiro e ferreiro – porque com terras, madeiras e metais se fazem as coisas mais necessárias e porque as operações das artes mecânicas secundárias dependem do conhecimento das primeiras.

Simón Rodríguez deu visibilidade às populações que até então tinham sido desprezadas pelas autoridades espanholas e valorizou os ofícios conhecidos como “baixos”, possibilitando que a maioria dos marginalizados pudessem aprender adequadamente seus ofícios. O olhar social, popular e pedagógico de Rodríguez também contemplou as mulheres, pois as mesmas sofriam preconceitos sociais e pedagógicos. Assim sendo, o objetivo do método pedagógico rodriguiano ficou explícito no estabelecimento da “primeira casa de indústria pública” em 1823, em Bogotá na Colômbia, onde a educação foi oferecida aos jovens que iriam aprender a “profissão de mecânica”, além de outras habilidades

para viver em sociedade. Esta mesma proposta foi implantada na Bolívia em 1825, no Peru em 1830 e no Equador em 1851.

Para Simón Rodríguez era impensável uma sociedade que não contemplasse a questão social e com ela a educação para todos, desta maneira conferiu o mesmo nível de importância à educação intelectual como à educação técnica. A proposta pedagógica rodriguiana considerava que com a educação vigente, não seria possível educar o novo cidadão, pois o sistema educacional reproduzia a ordem social monárquica mantendo a ignorância e o povo à margem dessa sociedade. Na luta contra esse processo, Rodríguez pretendia combater as práticas imperiais de marginalização por meio da escola para todos, pela formação para o trabalho, pela aquisição de novos hábitos e novas relações que exigia a República.

De acordo com Rodríguez (2016, p. 57), no seu projeto de educação “todos deviam estar decentemente alojados, vestidos, alimentados, curados e receber instrução moral, social e religiosa [...]”. Além disso, esse projeto previa que desse “[...] ocupação aos pais das crianças recolhidas, se possuíam capacidade para trabalhar; e se eram inválidos seriam socorridos pelos seus filhos [...]”. Rodríguez reitera que a liberdade é um princípio indelével e necessário no seu projeto: “Tanto os alunos como seus pais gozavam de liberdade – nem as crianças eram frades, nem os velhos presidiários – de dia passavam ocupados e à noite se retiravam para suas casas, exceto os que queriam permanecer” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 58).

Para alcançar o propósito do novo projeto educativo, Rodríguez (2016, p. 73) destaca no texto *Luzes e virtudes sociais*, do ano de 1840 que “o objeto do autor, tratando das Sociedades americanas, é a Educação Popular e por popular entende geral”. Dessa forma, apresenta em seu projeto uma diferença crucial entre instruir e educar: “instruir não é educar, nem a instrução pode ser equivalente à educação, ainda que instruindo se eduque” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 73). Concebia a educação como processo de conscientização e a instrução como conhecimento. Considerava a educação como um dever das políticas públicas e a instrução como um meio para sua generalização, afirmando que “[...] o que não é geral sem exceção não é verdadeiramente público e o que não é público não é social” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 74). Nesta perspectiva, em outro texto do ano de 1848, *Extrato sucinto da minha obra sobre educação republicana*, Rodríguez (2016, p. 204-205) afirma:

No sistema republicano a autoridade se forma na educação porque educar é criar vontades. Desenvolve-se nos costumes que são efeitos necessários da educação e volta à educação pela tendência dos efeitos a reproduzir a autoridade [...] Ensinem, e terão quem saiba. Eduquem, e terão quem faça. Os costumes que forma uma educação social produzem uma autoridade pública não uma autoridade pessoal.

Dessa forma, os governos republicanos deveriam generalizar a instrução pública para combater os processos educacionais privados, representados pelas famílias e pela igreja que insistiam em manter as relações da antiga ordem, conservando as tradições. O projeto de educação popular rodriguiano assumia uma postura contrária a essa, em que a nova ordem social, dos sujeitos das “luzes” e das “virtudes sociais” deveria ser o sujeito em sociedade. Nos dizeres de Rodríguez (2016, p. 89): “assuma o governo as funções de pai comum na educação, generalize a instrução e a arte social progredirá, como progridem todas as artes que se cultivam com esmero”.

A instrução geral que propôs Simón Rodríguez oferecia aos sujeitos o conhecimento das obrigações que iriam assumir vivendo em sociedade, e privá-los desse direito era um ato de desumanidade, na medida em que a ausência desses conhecimentos os poria em condições precárias de vida. A população necessitava uma nova instrução nacional, popular, geral, pública e social que respondesse às necessidades da nova República. Nas palavras de Rodríguez (2016, p. 77):

A Instrução deve ser nacional – não estar à eleição dos discípulos nem à de seus pais – não se dar desordenada, apressada, ou abreviadamente. Os professores não têm de ensinar por aposta nem prometer maravilhas [...] porque não são jogadores de mão – os discípulos não têm de ser diferenciados pelo que pagam nem pelo que seus pais valem – enfim, nada deve haver no ensino que tenha reflexo de farsa [...].

Simón Rodríguez também desenvolveu a ideia de “educação popular” no seu texto *Sociedades americanas*, onde questionou a educação como simples instrução das massas, propondo à República a educação popular como o caminho fundamental para a criação da verdadeira sociedade. Para que a educação popular pudesse se generalizar pelo ter-

ritório da República era necessário abrir “escolas para todos”, na medida em que todos pudessem obter condições de cidadãos.

Educação Social e a construção da cidadania

No que se refere às ideias sobre a “educação social”, Simón Rodríguez desenvolveu-as plenamente no texto *Conselhos de amigo, dados ao Colégio de Latacunga*⁵, escrito nos anos de 1850-1851. Neste texto, Rodríguez apresenta as ideias de como formar cidadãos republicanos desde a primeira escola. Cidadãos que pudessem pensar no bem comum por meio de uma formação social e ética considerada como a função matriz da escola. Nos dizeres de Rodríguez (2016, p. 201): “Eu pensei e trabalhei muito no ensino e me convenci de que a primeira escola é a que deve, antes de todas as coisas, ocupar a atenção de um Governo liberal. Pense o Governo”.

Para Rodríguez (2016, p. 204) “não haverá jamais verdadeira sociedade, sem educação social, nem autoridade razoável, sem costumes liberais”. Quando se referia à “educação social”, a assumia como a possibilidade de formar nos sujeitos a consciência do bem comum, diferentemente da educação oferecida pelo antigo regime, que não observava a perspectiva do social. “Falta-lhes a ideia fundamental da associação, que é cada um pensar em todos, para que todos pensem nele [...] e a ignorância dos princípios sociais é a causa de todos os males que o homem se faz e faz aos outros” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 203). Diante de tal situação, concluiu-se que: “a instrução pública no século XIX pede muita filosofia: o interesse geral está clamando por uma reforma; [...] os acontecimentos irão provando que é uma verdade muito óbvia: a América não deve imitar servilmente, mas de ser original” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 96).

De acordo com Rodríguez (2016, p. 213), a primeira escola, a escola social, a escola formadora de cidadãos republicanos deveria ser empreendida com os “índios”. “Se você deseja, como creio, que meu trabalho e os gastos não se percam, empreenda sua escola com índios! [...] Bem merecem os donos do país⁶ - os que mantêm o Governo e igreja com seu dinheiro, e aos particulares com seu trabalho [...]”.

5 O texto foi escrito em resposta à solicitação do senhor Don Rafael Quevedo, reitor do colégio de São Vicente, em Latacunga, o qual pediu que Simón Rodríguez redigisse um regulamento para a primeira escola. “Senhor, você me pede um Regulamento, que reja a 1ª Escola: dar-lhe-ei minhas ideias, para que as combine com as suas, e o forme” (Rodríguez, 2016, p. 213).

6 Essa afirmação é não só uma denúncia da situação dos povos originários durante os

Ainda de acordo com o texto sobre os conselhos pedagógicos ao colégio de Latacunga, Rodríguez orienta sobre a necessidade de assegurar os fundos e financiamento e realizar uma reforma curricular no colégio. Para que sua proposta de “escola social” tivesse condições de funcionamento, Rodríguez aconselha o Reitor e seus amigos que influenciassem o “primeiro Congresso” para que fizessem uma lei em favor da sustentação e propagação dessa escola. Segundo Rodríguez (2016, p. 224):

O Congresso do Equador se distinguiria impondo uma contribuição pessoal sem excessão de sexos, estados nem condições para a construção de prédios, rendas de professores, gratificação de curas doutriniais, gastos do ensino e demais relativos ao sustento e à propagação da primeira escola.

A educação era o caminho pelo qual se consolidaria as Repúblicas, e os governos liberais precisavam compreender que a primeira escola ou a escola social era o fundamento do saber que poderia contribuir para que os povos se transformassem em cidadãos. A escola social tinha a responsabilidade de ensinar as obrigações sociais, pois essas eram o primeiro dever de um republicano. O projeto pedagógico rodriguiano proposto em Latacunga tinha esse objetivo, com ações voltadas para a realização de intervenções sociais.

Pode-se afirmar que Simón Rodríguez considerou que para existir uma República seriam necessários educação social, autoridade constante, costumes liberais e o desenvolvimento da consciência do bem comum. A nova República deveria está alicerçada na educação, como possibilidade de fazer do ser humano um ser integral e útil à sociedade, daí a necessidade de criação de escolas-oficinas, uma ideia original de Simón Rodríguez para a América Latina, juntamente com a escola social, a escola popular e a escola republicana.

Dessa forma, o compromisso de Símon Rodríguez ao longo de sua vida, foi demonstrar a possibilidade que por meio de uma escola pública, popular e social se poderia construir os alicerces de uma nova sociedade. Pode-se dizer que a obra educacional de Simón Rodríguez a

primeiros anos da República, mas também um reconhecimento explícito de seus direitos. A situação dos povos originários não experimentou mudanças significativas com a República. Ao contrário, sua situação de submissão e dependência se aprofundou (DURÁN; KOHAN, 2016, p. 214).

partir da originalidade latino-americana teve o propósito de promover a transformação social, saindo do estado das misérias coloniais para a cidadania republicana. Contudo, o projeto educativo rodriguiano foi contestado, combatido e impossibilitado de ser desenvolvido, enfrentando obstáculos culturais, econômicos e sobretudo, políticos.

O projeto educativo de Simón Rodríguez executado em Chuquisaca pode ser considerado o primeiro e um dos mais importantes projetos de educação pública, popular e social da América Latina. De acordo com Durán e Kohan (2016, p. 18):

A novidade da escola de Chuquisaca é tão radical que nenhum saber pedagógico da época pode nomear o que acontece em seu interior: de fato não há referência a essa instituição através de um léxico pedagógico. Assim, as autoridades da cidade se dirigem a ela como prostíbulo, bordel e lugar de perdição. A nova realidade afirmada é pedagogicamente inominável, além de social e politicamente inadmissível e intolerável. Lá se diluem as desigualdades que estruturam a sociedade hierarquizada.

Considerações finais

Pode-se considerar que o pensamento pedagógico de Simón Rodríguez está ancorado na defesa da educação pública com qualidade para todas as pessoas, cujo objetivo era formar as novas gerações que iriam fundar os novos Estados-nacionais, sob as ideias republicanas, tendo a escola como instrumento primordial, com objetivos precisos, sem desconhecer os aspectos técnicos de organização e aprendizagem.

O projeto de Simón Rodríguez trouxe para o centro da legislação educacional os negros, mulatos, indígenas, mulheres, pobres que viviam marginalizados pela sociedade da época. Seu projeto político e pedagógico centrado na primeira escola, pública, popular, social e republicana traz a marca da originalidade, da esperança e da revolução, o que nos possibilita dizer, que suas ideias estão em plena vigência e que muitas de suas propostas ainda estão por fazer. Ou não é verdade que as teses do neoliberalismo continuam fazendo parte das políticas públicas de educação impulsionando a mercantilização e privatização dos

sistemas educativos latino-americanos? Devemos retomar as fontes do pensamento pedagógico latino-americano, como as reflexões de Simón Rodríguez e de reencontrarmos com ele para construir e indicar novos caminhos? Parece que sim.

“Enfim: esperanças há”, “onde iremos buscar modelos? A América espanhola é original, originais devem ser suas instituições e seu governo e originais os meios de fundar um e outro, ou inventamos ou erramos” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 158-159).

Referências

DURÁN, M.; KOHAN, W. Por que Simón Rodríguez? Para que traduzi-lo para o português? Por que Inventamos ou erramos? In: RODRÍGUEZ, S. **Inventamos ou erramos**. Tradução Cinthia Fernandes; apresentação e notas Maximiliano Durán, Walter Kohan. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

DURÁN, Maximiliano. El primer escrito de Simón Rodríguez en el marco de las reformas borbónicas: límites y alcances. **Anuario de Historia de la Educación de la Sociedad Argentina de Historia de la Educación**, v. 13, n. 1, 2012.

OCAMPO LÓPEZ, Javier. Simón Rodríguez, el maestro del libertador. **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**, Tunja, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia Boyacá, n. 9, p. 81-102, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/869/86900904.pdf>>. Acesso em 21 de julho. 2018.

GROSFOGUEL, R. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluriversalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

RODRÍGUEZ, S. **Inventamos ou erramos**. Tradução Cinthia Fernandes; apresentação e notas Maximiliano Durán, Walter Kohan. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

_____. Sobre o projeto de Educação Popular. In: STRECK, D. R. **Fontes da pedagogia latino-americana: uma ontologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SADER, Emir. Cadernos de Pensamento crítico latino-americano. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, CLACSO, 2008.

STRECK, D. R. **Fontes da pedagogia latino-americana: uma ontologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

STRECK, D.; ADAMS, T.; MORETTI, C. Z. Simón Rodríguez, crítico da imitação. In: STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

WEINBERG, G. Las ideas Lancasterianas en Simón Bolívar y Simón Rodríguez. In: WEINBERG, G. **Sarmiento, Bello, Mariátegui y otros ensayos**. Buenos Aires Academia Nacional de Educación, 1999. Disponível em: <https://cdn.educ.ar/dinamico/UnidadHtml__get__43eda445-7a06-11e1-82bb-ed15e3c494af/las_ideas_lancasterianas.pdf>. Acesso em 21 de julho. 2018.

ZEA, L. **La filosofía Americana como filosofía sin más**. 20. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005.

Recebido em: julho/ 2018.

Aprovado em: setembro/ 2018